



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

**ANA CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS**

**O CORDEL NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Campina Grande/PB

2009

ANA CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS

**O CORDEL NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA  
PROTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada objetivando a  
obtenção do título de Licenciatura Plena em  
Letras da UFCG. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>.  
Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

Campina Grande – PB

2009

ANA CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS

# **O CORDEL NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PROTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, da  
Universidade Federal de Campina Grande –  
UFCG, como exigência da disciplina Redação  
Científica no semestre 2009.1.

Aprovada em 03/08/2009.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega**

Orientadora

---

**Prof.<sup>a</sup>. Ms. Rosângela de Melo Rodrigues**

Examinadora

Campina Grande – PB

03 de Agosto 2009

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos que estiveram do meu lado me ajudando e incentivando, quando a vontade de desistir era maior que a de continuar. Primeiramente, aos meus pais, meu alicerce, a quem devo minha vida e meus princípios.

Àqueles que escolhi como pais: minha irmã Corrinha, verdadeira inspiração para que eu entrasse no curso de Letras (como filhos que seguem a carreira dos pais) e meu irmão João, pois sempre me estimularam a buscar vida nova a cada dia.

Ao meu amado esposo por ter aceito se privar de minha companhia pelos estudos, concedendo a mim a oportunidade de me realizar ainda mais. Ao nosso filho Artur Gabriel, o que eu tenho de mais precioso e me deu forças para me tornar exemplo.

Aos amigos que direta e indiretamente me ajudaram a correr esta carreira e a chegar aonde cheguei.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, um Ser Supremo que eu creio existir, por tudo que conquistei e por ter guiado meus passos e ter me posto no colo nos momentos em que surgiram caminhos difíceis e que me deu forças, por me permitir chegar até aqui. A Ele devo tudo o que tenho e sou.

A minha família, pela paciência no decorrer da lida acadêmica e por acreditar que eu poderia ser a melhor em tudo o quanto eu fizesse. Em especial a minha irmã (mãe) Corrinha por tantas vezes tarde da noite, por esperar na janela do nosso quarto eu chegar da universidade.

Ao meu querido esposo, pelo carinho pela compreensão em todos os momentos em que precisei, pela colaboração, pela presença constante, por tudo o que ele é e tem sido pra mim e especialmente por ter me presenteado com o meu melhor motivo: Artur Gabriel, nosso querido filho, a pessoa mais importante na minha vida.

A amiga e orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Marta, pelo empenho em me ajudar nessa etapa final, pelos momentos de apoio e estímulo e a examinadora Prof<sup>ª</sup>. Ms. Rosângela Melo, pela colaboração, disponibilidade e amizade demonstrada no decorrer do curso.

Ao Prof<sup>º</sup>. Dr. Hélder Pinheiro, por ter despertado em mim o amor pelo cordel com o seu maravilhoso entusiasmo de declamar.

A coordenação do curso de letras, em especial a Marciano, pela acolhida, pela paciência e compreensão no decorrer do curso e por tudo o que eles foram pra mim.

Aos meus amigos acadêmicos que de colega de curso se tornaram “amigos do peito”: Nilzicleide, Thalyta, Aline Silva, Sandra Sueli, Rosângela Melo, Marciano, pois tornaram mais fácil e prazeroso o caminho percorrido até então.

E por fim, aqueles amigos que acreditaram e torceram por mim, sempre presentes nas melhores conquistas da minha vida. Para mim é maravilhoso saber que tenho amigos em quem posso confiar. Pessoas que me apóiam e me acolhem com tanto carinho e amor. Sou eternamente grata a Deus por ter conhecido tantas pessoas maravilhosas, de corações abertos e firmes.

"Para criar no aluno o hábito de leitura, o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel."

Manoel Monteiro

“Quando o que era difícil  
Se torna impossível  
Deus começa a agir  
Ele abre sempre uma porta  
Onde não há saída  
O impossível faz acontecer.”

Caminho de Milagres  
(Davi Sacer)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar nos Livros Didáticos o modo como a literatura de cordel tem sido abordada. O livro didático escolhido para análise foi *De olho no futuro*, por ter uma unidade completa direcionada ao estudo do Cordel, dividida em três etapas de leituras: duas delas estão destinadas a cordéis para crianças e adolescentes. Apesar deste gênero literário encontrar-se no manual, infelizmente o modo como os textos são abordados pouco exploram os seus aspectos literários. A partir da pesquisa realizada, acreditamos que os professores devem trabalhar o Cordel na sala de aula independentemente dele está no livro didático adotado pela escola. As aulas de leitura no Ensino Fundamental devem introduzir textos literários no intuito de mostrar o cordel como construtor de visões de mundo e de cultura, que tem um potencial educativo, visto que, além do papel social e cultural que exerce, através dele, aprende-se e se ensina. Através do cordel, é possível educar.

Palavras-chave: Literatura. Cordel. Livro Didático.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	
1. A História do Cordel.....	12
CAPÍTULO 2	
2. A importância da leitura literária a partir do cordel.....	20
CAPÍTULO 3	
3. O cordel no Livro Didático.....	25
3.1 Analisando o Livro Didático.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
ANEXOS.....	46

## INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo cordel surgiu quando cursamos a disciplina Literatura Infantil no ano de 2001, ocasião em que o professor dentre outras propostas metodológicas, frisava a importância do trabalho com a Literatura de Cordel no contexto escolar, como forma de levar os alunos a adentrar no universo da cultura popular. Assim, bebemos desta fonte e resolvemos mergulhar no mundo da Literatura de Cordel. Desde este encontro colocamos como meta para a monografia de conclusão de curso averiguar o cordel no contexto escolar.

Em 2006, ficamos estagiando numa turma de 8ª série (hoje 9º ano) da E.M.E.F.M. Tertuliano Maciel no município de Campina Grande - PB. No primeiro dia de aula levamos para turma um dos cordéis sobre a história de Lampião “A chegada de Lampeão no inferno” de José Pacheco. O que nos surpreendeu foi que muitos alunos afirmaram nunca terem ouvido falar sobre cordel, não sabiam nem mesmo qual o significado desta palavra. Nesse momento, tivemos a curiosidade em olhar alguns livros didáticos anteriores a esta série e adotados por essa escola para ver se traziam algo sobre cordel e como traziam. Infelizmente não encontramos nada, então tivemos a curiosidade de pesquisar outras coleções fora da escola. A surpresa foi ainda maior; das seis coleções analisadas, encontramos apenas três livros que abordavam o cordel. Num livro de 1ª série 2º ano “Projeto Presente” (MARINHO, BRANCO e MORAES – 2004); num livro de 4ª série 5º ano “Infância Feliz” (NEVES, ALBUQUERQUE e GRILO – 2007) e uma unidade sobre cordel num livro de 4ª série “De olho no futuro” (SOUZA e MAZZIO – 2005). Percebemos a necessidade em ampliar nossas visões sobre essa literatura, e decidimos realizar uma pesquisa cujo objetivo é analisar o modo como o cordel é abordado em livros didáticos do Ensino Fundamental. Dos livros mencionados acima, escolhemos o *De olho no futuro*, por dedicar uma unidade inteira ao estudo do cordel. O presente estudo se propõe a compreender a importância do cordel como meio de aprendizagem, mostrando que através dele é possível educar.

Enfim, para alcançarmos nosso objetivo, recorreremos aos postulados teóricos de: Dourado (2008), Pinheiro (2001), Ribeiro (1987), Lajolo (1982), Lúcio (2005) entre outros, com a finalidade de transformar a pesquisa realizada em trabalho monográfico;

esta será de natureza bibliográfica e qualitativa já que pretendemos observar o cordel dentro do livro didático e sua formação discursiva na produção de sentido em que os sujeitos estão envolvidos. Para isso, dividimos nossa pesquisa em três capítulos, além da introdução e considerações finais, que se distribuem da seguinte forma: Primeiro capítulo, “A história do cordel”; onde trataremos o significado da palavra cordel, onde surgiu, quando e como chegou ao Brasil e a sua estrutura; segundo capítulo “Importância da leitura literária a partir do cordel” com as citações dos livros de Pinheiro (2001) e alguns de seus artigos e Lúcio (2005) e o terceiro capítulo “Análise do Livro Didático” tendo como base o PCNEF (1998), onde a preocupação deste documento é que a escola organize algumas atividades que permitam ao aluno desenvolver o gosto pela leitura e domine a expressão oral e escrita. A partir destas orientações do documento é que fizemos a análise do livro didático *De olho no futuro*.

## CAPÍTULO I

### 1. A História do Cordel

Em geral, as origens da literatura de cordel são relacionadas ao hábito milenar de contar histórias que, aos poucos, começaram a ser escritas e, posteriormente, difundidas através da imprensa, a exemplo do que ocorreu em diversos países como em Portugal, na Espanha, entre outros. Narrativas de amor, guerra, heroísmo, viagens e conquistas marítimas, além dos fatos mais recentes do dia-a-dia, eram os temas preferidos do público, e o que é mais interessante é que o cordel não se reserva a nenhum público em específico (a não ser de alguns autores que é destinado a crianças)<sup>1</sup>, tanto faz para homens, mulheres, pobres, ricos, enfim, todos podem apreciar essa boa literatura.

Essa fantástica literatura, que tem o nome de cordel, já que os folhetos ficavam pendurados em cordões nos locais de venda, foi trazida para o nosso país por portugueses e espanhóis. Aqui no Brasil, o cordel chegou junto com os colonos e encontrou um solo produtivo. As histórias trazidas para o nosso país, eram decoradas, transmitidas de forma oral e enriquecidas pela memória do povo. A esse respeito, Abreu afirma que esta expressão passa a ser empregada por estudiosos na década de 70. Curran descreve da seguinte maneira as histórias do cordel:

Verdadeiro documentário de costumes de nossa gente rural... É a maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos e religiosos, da gente rude do interior nordestino, fotografada nas páginas dos folhetos, denunciando costumes, atitudes, preferências e julgamentos. Valiosas informações de interesse histórico, etnográfico e sociológico são fixadas nesse cada dia mais influente meio de comunicação, tão estimado pela nossa gente.

Curran (1973:18).

A denominação “literatura de cordel” foi atribuída aos folhetos brasileiros, pelos estudiosos, a partir de um tipo de literatura semelhante encontrada em Portugal. Câmara Cascudo (1988) situa na década de 60 a difusão dessa denominação no país para se

---

<sup>1</sup> Fazemos referência aqui, ao autor José Francisco Borges que veremos a seguir no terceiro capítulo, onde numa conversa por telefone, ele nos afirma que o cordel (apenas duas páginas) “O vendedor de ovos” que faz parte do livro didático que estaremos analisando, foi uma coleção especialmente para crianças.

referir aos “folhetos impressos” no território brasileiro, até então somente utilizada para o caso português. Segundo Pinheiro (2001:13) “a expressão ‘literatura de cordel’ foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, numa aproximação com o que acontecia em terras portuguesas.”

Em 1953, em *Cinco Livros do Povo* Cascudo (1994), afirma que “as brochurinhas em versos”, encontradas então no Brasil, eram denominadas “folhetos”. Acrescenta que não conhecia uma denominação genérica para esse objeto impresso. Refere-se, então, ao título português “literatura de cordel”, justificado pelo fato de os livros serem postos à venda “cavalcando um barbante”, como acontecia ainda em algumas partes do Brasil.

Dão-se esses nomes, assim, a uma forma de poesia impressa, produzida e consumida, predominantemente, em alguns estados da região Nordeste. Embora caracterizado pela forte presença da oralidade em seu texto e forma, o cordel é necessariamente impresso, distinguindo-se de outras formas de poesia oral, como as pelejas e desafios, “cantados” pelos cantadores ou repentistas. Assim é que Câmara Cascudo (1988:438) situa a especificidade do cordel, um tipo de literatura tradicional – e não oral –, em “sua destinação gráfica, circulando em opúsculos impressos”.

Cordelista, poeta de bancada, ou simplesmente poeta são algumas denominações dadas àqueles que escrevem os versos. Em Abreu (1999:97) podemos encontrar o seguinte: “Os primeiros folhetos possuem uma notável uniformidade estilística e temática. Não havia marcas claras de um estilo individual que permitisse diferenciar um poeta de outro ou determinar, com segurança, a autoria dos textos.”

Ainda para a mesma autora

Somente pela percepção de que se trata de uma linha editorial é possível entender a existência de um imenso volume de traduções e adaptações para o português de obras de Molière, Corneille, Voltaire, Goldoni, Metastásio, responsáveis por um conjunto significativo dos textos de cordel publicados em Portugal. Muitas vezes, esses textos eram traduzidos para o português a partir de uma versão já popularizada por editores europeus que se dedicavam à publicação de folhetos bastante semelhantes aos portugueses.

Abreu (1999: 46-47)

Segundo Abreu (1999), as primeiras narrativas que chegaram ao Brasil, vindas de Portugal, quase todas tinham sua trama estruturada a partir do confronto entre um herói e um vilão, podendo haver uma multiplicação de personagens encarnando o papel de herói em contraposição a diversos malfeitores. É importante perceber que a organização das narrativas sustenta-se no encadeamento de ações, não havendo nenhuma constituição de cenário, de ambiente, nenhuma descrição de paisagens ou situações que não envolvam atitudes dos protagonistas.

A construção dos personagens tinha por base uma perspectiva maniqueísta na apresentação dos atributos morais. Deste modo, aos heróis, o cordelista investia de coragem, justiça, honra, lealdade, fidelidade, piedade, enquanto as características atribuídas ao vilão eram mentiroso, desleal, vingativo, invejoso, infiel e dissimulado.

Segundo Curran (1973), quanto à forma,

Os desafios mais velhos eram em quadras, ou no linguajar sertanejo, em ‘versos de quatro pés’, quer dizer, uma estrofe de quatro versos, com sete sílabas em cada linha de verso. A quadra, porém, foi substituída pela sextilha de seis linhas de verso de sete sílabas, a forma mais comum no folheto de hoje. A rima da sextilha geralmente é consoante, ABCBDB. Outras formas métricas do desafio são a septilha, a décima com muitas variações e o quadrão de oito versos.

Curran (1973:24)

Abreu (1999:73) ainda afirma que a literatura de cordel produzida no Nordeste brasileiro divergia da de Portugal. A produzida no Nordeste apresentava-se de forma codificada, enquanto que a de Portugal não tinha uniformidade. Estas formas são bastantes recorrentes nos folhetos produzidos entre finais do século XIX e os últimos anos da segunda década do século XX, “período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma ‘canônica’.”

Pinheiro (2001:14) completa: “No Brasil, durante muito tempo, poetas e editores escreviam *folhetos* e assim os chamavam, mas o uso do termo cordel se generalizou e hoje os próprios poetas se reconhecem como *cordelistas*.” Segundo o mesmo autor, no Brasil, o cordel também é conhecido como poesia popular em verso e contempla as mais variadas temáticas, a exemplo de: histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores. Além dessas temáticas, Pinheiro acrescenta que o cordel mantém uma

aproximação musical com as cantorias de viola, com o som dos maracatus, dos reisados, do coco, da embolada.

É essa cultura (citada no parágrafo anterior), influenciada pelos ritmos afro-brasileiros, pela mistura entre rituais sagrados e profanos, que faz do cordel uma produção cultural distinta das outras. Tanto que até hoje é uma tradição viva, principalmente no Nordeste do país e continua sendo uma das formas de comunicação mais autênticas nas pequenas cidades daquela região. As histórias eram as mais diversas possíveis e iam sendo completadas ao longo de uma seqüência de folhetos.

Segundo Abreu (1999: 104) a literatura de cordel consolida-se no final do século XIX e meados dos anos 20, período em que “definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura. Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa.”

Os folhetos de cordel possuem um número variável de páginas: 8, 16, 32 ou 48. Os dois primeiros tipos são geralmente destinados a contar algo ocorrido na região, os chamados versos noticiosos. Os mais longos são os romances, que narram histórias de ficção ou da carochinha. Os versos são escritos em sextilhas- estrofes de seis linhas, com sete sílabas cada uma. Raramente também são escritos em septilhas ou décimas, é o que afirma Sobrinho (2003):

As regras de poesia usadas pelos poetas populares (cordelistas) são: ABC, quadra, sextilha, septilha, oitava, décima corrida e décima glosa. A décima corrida é aquela que não obedece motes. Há duas formas de décimas setessilábicas: a portuguesa ou recitativa e a espinela ou espanhola, esta a mais usada pelos cantadores.

Sobrinho (2003:38)

Os princípios básicos de composição do cordel explicariam, segundo Abreu o sucesso dessa literatura junto a um público afastado da tradição escrita:

Uma composição só será incorporada ao universo do cordel caso seja produzida em sextilhas setessilábicas com rimas ABCBDB. Aceitam-se também as setilhas (ABCBDDB) e décimas (ABBAACDDC) setessilábicas ou decassilábicas, mas estas formas são menos comuns. Sabe-se que os versos são mais facilmente memorizáveis do que textos em prosa, especialmente se forem seguidas algumas regras de composição dos folhetos.

Abreu (1999:441)

Quanto à formação da poética nordestina, Abreu (1999:74) afirma que, as apresentações orais de narrativas, poemas, charadas, disputas não são peculiares ao Nordeste brasileiro, esta prática se difunde por todo o Brasil, assumindo, entretanto, formas específicas em cada região. No Nordeste têm grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios.

Os cantadores sertanejos atravessam grandes distâncias, movidos pelo prazer do enfrentamento. Quando tem início a peleja, ou desafio, cada um, viola em punho, improvisa seus versos a fim de derrotar o outro. Um duelo poético que surpreende e encanta o público, que acompanha atentamente a disputa. Nessa “luta”, as armas que valem são a imaginação, a rapidez do pensamento e a habilidade com as palavras.

A respeito deste poder encantatório do cordel, Pinheiro (2001:66) nos informa, “O caráter bem-humorado percorre quase toda literatura de cordel. Os desafios dos cantadores e as disputas dos embaladores são formas em que o humor é mais trabalhado.”

Já em relação à venda dos cordéis e o seu público, podemos observar um grande avanço. Antes os cordéis eram vendidos pelos próprios autores, ou seja, os cordelistas, e ainda assim preso em barbantes. Nos dias de hoje ainda encontramos assim, mas também já podemos encontrar em bancas de revistas, livrarias, feiras de artesanato feito cartas de baralho em cima de mesas e também na internet.





Segundo Curran (1973) quanto aos aspectos dos folhetos podemos descrever:

Um dos mais notáveis aspectos dos folhetos é o método de vendê-los nas feiras das cidades. O vendedor, frequentemente o próprio poeta, trabalha cedo de manhã. Leva os folhetos numa mala às vezes velha e rota devido aos anos de serviço e à experiência do poeta. Também leva uma espécie de estante portátil para exibir a mercadoria, dispostos os folhetos na forma de cartas de baralho. Os fregueses, atraídos pela exibição dos livrinhos, começam a se congregarem, e assim que chegarem à quantidade esperada pelo poeta, ele anuncia que vai cantar tal e qual folheto.

Curran (1973:20)

Em Abreu (1999:96) A venda de folhetos era praticada a partir da leitura oral de trechos dos poemas, despertando o interesse e atraindo a curiosidade do público para a continuação da história. De forma que incentivasse o público a comprar o cordel. Essa sintonia entre os autores, leitores e os ouvintes era de grande importância para aqueles que viviam de compor e vender folhetos.

Sobre o mesmo aspecto Pinheiro (2001:07) diz que em conversas com vendedores e poetas populares percebe-se que a venda dos folhetos vem diminuindo muito, mas este retraimento não parece significar desinteresse por parte do público. A relação com alunos de escolas públicas, particulares e estudantes universitários tem declarado que um expressivo número de jovens e de professores apreciam, conhecem e cultivam a leitura de folhetos aqui no nordeste, sem falar nos leitores tradicionais.

Sobrinho em seu livro, *Cantadores, Repentistas e Poetas Populares*, nos fala sobre algumas publicações de folhetos:

Quando Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista publicaram os primeiros folhetos, estes eram ‘cegos’, não traziam em suas capas nenhuma figura ilustrativa a não ser os adornos naturais que eram usados nas tipografias: arabescos, vinhetas e cercaduras. Foi somente na segunda década do século XX (em 1914, precisamente) que surgiu a moda dos cartões postais, dos artistas de cinema e do teatro parisiense ilustrarem as capas de alguns folhetos de poetas populares daquela época.

Sobrinho (2003:116)

Nos anos 60, o cordel passou por uma grande crise, tornando-se novamente centro de interesses a partir dos anos 70, desta vez principalmente por parte de turistas, universitários brasileiros e estrangeiros: o cordel tornou-se objeto de estudo e de curiosidade. Essa transformação do público leitor e, conseqüentemente, da produção também dos folhetos foi percebida pelos próprios poetas: “... o Cordel hoje (...) é apoiado pelas autoridades, a ponto de já haver chegado ao critério das Universidades” (João José da Silva *apud* Marlyse Meyer, 1980:5).

Ivan Proença (1977:19) confirma a fala dos autores anteriores quanto ao público que tem acesso aos folhetos, professores de letras, estudantes universitários, intelectuais em geral, um público sofisticado, afirmando que “O povo busca-o nas praças e nas feiras, onde os manuseia, ouvindo o cantador e o desfilas daquele vocabulário tão de sua intimidade e agrado.”

Atualmente, os folhetos são comprados, basicamente, por turistas e estudantes. Nos últimos anos, muitos intelectuais, principalmente, têm-se engajado em movimentos que buscam revigorar a literatura de folhetos. Alguns estudos buscam “salvá-la de extinção”, como pode ser visto por Souza (1976):

É também nossa esperança que o presente trabalho venha despertar o interesse de todos aqueles que possam de alguma forma contribuir para a sobrevivência do folheto, forte e legítima expressão cultural do nosso povo, hoje ameaçada de extinção, dadas às condições precárias em que vivem os que a fazem, homens em quem não enxergamos apenas o pitoresco ou o gênio do artista primitivo, mas seres humanos, que nos parecem dignos de maior atenção, respeito e ajuda do que têm recebido de cada um de nós...

Souza (1976:101)

A análise dos catálogos das livrarias brasileiras no século XIX, realizada por Márcia Abreu (1993 e 1999), revela que parte significativa da produção de livros de cordel portugueses foi consumida no Brasil até esse momento, seja através das importações ou das reimpressões feitas no Brasil. Em 1888, Sílvia Romero (Romero, 1977) afirmava que os livros de cordel portugueses poderiam ser encontrados no Brasil nas principais cidades do Império, “nas portas de alguns teatros, nas estações de estradas de ferro e noutros pontos”.

Quando surgiram as máquinas impressoras, a divulgação dessas obras de **tradição literária** estendeu-se a um número maior de leitores: algumas eram escritas

em prosa; a maioria, porém, aparecia em versos, pois era mais fácil, a um público analfabeto, decorar versos e mais versos, lidos por alguém.

Gustavo Dourado (Anexo A)<sup>2</sup> diz que:

Literatura de Cordel é a poesia do povo, do sertanejo nordestino, do pau de arara. Do pequeno agricultor, dos sem-terras e sem-tetos, desempregados e subempregados desse vasto Brasil. O cordel tem mudado muito com o advento da multimídia, das novas tecnologias e da internet. Muita gente tem feito cordel mesmo sem ser nordestino. O cordel é poesia universal: Do Brasil e do Mundo.

Quanto à linguagem Curran (1973:22e23) destaca que: A linguagem expressada no folheto, com certeza é popular. “Vocabulário regional, e até a pronúncia do rústico, são registrados, como evidencia documentaria da fala do nordestino, e, em particular, do autor de folhetos, seja da cidade ou do sertão.”

---

<sup>2</sup> Entrevista de Gustavo Dourado (DF) a Milene Dias Alves (SP).  
[http://www.gustavodourado.com.br/Entrevista%20de%20Gustavo%20Dourado\(DF\)a%20Milene%20Dias%20Alves\(SP\).htm](http://www.gustavodourado.com.br/Entrevista%20de%20Gustavo%20Dourado(DF)a%20Milene%20Dias%20Alves(SP).htm)

## CAPÍTULO II

### 2. Importância da leitura literária a partir do cordel

A Literatura de Cordel traz para a sala de aula uma nova forma de ler e ouvir, recitar e criar, superando barreiras (entre elas o preconceito), por tratar-se de uma narrativa envolvendo situações do cotidiano ou do imaginário popular com uma linguagem simples, utilizando rimas rítmicas, de forma a atrair leitores de todas as idades.

A literatura de cordel e o seu formato em livrinhos pode ser uma grande ferramenta para divulgação da poesia popular. Sua utilização como instrumento pedagógico para o desenvolvimento da leitura e da escrita é um desafio na formação do educador.

O que podemos sugerir aos nossos colegas educadores são oficinas que durem alguns dias para que sejam trabalhados os diferentes aspectos da Literatura de Cordel. Dependendo da condição da escola, dos alunos ou até mesmo dos professores, pode ser realizada uma feira de cordéis, uma forma de mobilizar todos da escola, e quem sabe, descobrir artistas deste gênero; trazer para contar histórias alguém conhecido que tenha envolvimento com a cultura popular, este relatar alguma experiência, recitar alguns versos, declamar algum cordel de sua autoria ou não (alunos gostam de ouvir depoimentos). Neste momento o principal objetivo é deixar os Livros Didáticos de lado, de forma que, os cordéis passem a ocupar as carteiras da sala de aula.

Para este trabalho vejamos o que Pinheiro sugere:

- a) Folheteiros vendendo seus folhetos;
- b) Emboladores e violeiros cantando, fazendo desafios, improvisando. É bom que o trabalho desses artistas seja devidamente pago!
- c) Exposição de xilogravuras e de folhetos antigos e/ou novos;
- d) Murais com reportagens sobre cordelistas e literatura de cordel em geral;
- e) Palestras e oficinas de criação de poemas de cordel;

- f) Encenações de histórias de cordel adaptadas para o teatro ou de peças inspiradas em folhetos;
- g) Apresentações de músicas populares influenciadas pela literatura de cordel ou de cordéis musicados por artistas da MPB ou pelos próprios alunos. Lembrar que o uso do pandeiro é fundamental, sobretudo nas músicas influenciadas por emboladas;
- h) Sessões de cinema com filmes inspirados em folhetos ou que, de algum modo, toquem na questão da literatura de cordel.

Pinheiro (2001:88)

Podemos explorar vários temas nos cordéis: política, discussão de gêneros, meio ambiente, cultura, problemas sociais e história, assuntos sempre explorados com um viés regional. No cordel, o aluno tem a chance de vivenciar a sua própria realidade social e cultural.

A proposta de ensino deve ser elaborada segundo os temas mais próximos da realidade dos alunos. Não é difícil trabalhar com o cordel, a oralidade como linguagem base, aproxima o leitor da escrita e vice-versa, a compreensão do texto e do contexto.

Queremos acreditar que os alunos conseguem aprender a ler de uma forma distinta textos diferentes dos apresentados nos livros didáticos. Para incentivar os alunos a lerem os cordéis, o melhor é trabalhar a Literatura de Cordel a partir de atividades lúdicas, trazendo em seu interior (Cordel) toda uma musicalidade e informações carregadas de conhecimento e visão crítica social.

Trabalhar com várias obras e diversas temáticas, pode favorecer o interesse, de forma que o aluno tenha contato direto com os folhetos, ao mesmo tempo em que eles possam ver, pegar, sentir, ler e ouvir a Literatura de Cordel, pois esta, além de ser uma escrita poética, é tradicionalmente declamada e cantada. “A diversidade de leitura é muito importante na formação do leitor.” Pinheiro (2008).

É importante procurar saber se os alunos tem um folheto em casa, ou alguém próximo que tenha, de modo a levá-lo para sala de aula, (recolhendo destes, informações em relação a seus familiares, vizinhos, alguém que tenha uma ligação com cordel – dentro da própria escola pode haver) fazer a leitura oral do poema é indispensável, sempre mais de uma vez, a repetição ajuda os alunos a perceberem o ritmo. Quem sabe trocar cordéis com os colegas de forma dinâmica e prazerosa para que haja conhecimento das várias temáticas. Inclusive uma das melhores formas de trabalhar o cordel é lendo com os alunos, de preferência, em voz alta. Mas para que isto aconteça

o ideal é que professor esteja preparado para esta atividade, pois cada temática de cordel exige uma musicalidade, tons diferenciados, uma emoção, na hora da leitura.

Pinheiro (2001:79) citando Bosi, diz que “só há uma relação fecunda entre o artista e a vida popular: a relação amorosa”, então para ser dada uma aula sobre Cordel, o professor deve estar revestido deste ludismo, da fantasia, da alegria de passar para o aluno a essência do cordel. *Dramatizar* adequadamente a história de um cordel é fantástico e é quase impossível não chamar a atenção dos alunos para esta atividade.

Os cordéis também podem ser *cantados*, os próprios alunos junto ao professor podem inventar música para as histórias. Não deixar de lembrar aos alunos sobre alguns cantores que fizeram músicas através de histórias de cordéis, como exemplo, Chico César, Zé Ramalho, entre outros. . “Dessa forma, os alunos perceberão que não foi a tradição popular que teve como fonte a obra desses autores, mas o contrário.” (Apud Costa in Lúcio) (2005:71). Até mesmo para que os alunos percebam a importância da cultura popular.

Segundo Pinheiro é possível perceber a dimensão universal do cordel:

O trabalho com a literatura popular pressupõe essa ‘empatia sincera e prolongada’ e, sobretudo, uma ‘relação amorosa’. Diria, também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos específicos, para poder perceber sua dimensão universal.”

Pinheiro (2001:80).

Esse mesmo autor sugere uma maneira magnífica de uma aula diferente e criativa, o *jogo dramático*. Uma atividade agradável que ajuda recuperar na criança a habilidade de fantasiar, de inventar, de descobrir qualquer aventura sem os riscos da realidade. “À dimensão lúdica e prazerosa do jogo articula-se a descoberta das virtualidades individuais e grupais.” O que torna esse jogo mais animado é a improvisação a partir de qualquer circunstância.

As xilogravuras (ilustrações nas capas dos folhetos) é outra atividade que pode ser trabalhada na sala de aula, conversando com os alunos sobre essa produção cultural, seu caráter fantasioso ou realista das histórias a serem contadas no folheto. Não é tão

fácil fazer xilogravuras, mas podemos trocá-las por desenhos para que os alunos produzam. Segundo Pinheiro (2001:87) “Hoje pode-se dizer que as xilogravuras têm uma certa autonomia e também muitos folhetos recentes não as utilizam. Também aqui se faz necessário lembrar que a xilogravura tem influenciado inúmeros artistas plásticos do país.” É interessante que os alunos criem desenhos representando as xilogravuras para falar sobre o seu cotidiano, a sua vida, a sua relação com a escola, a família, os amigos, o seu momento, enfim, deixar a imaginação fluir.

Outras atividades que são sugeridas por Pinheiro (2001)

... ilustrar livremente algumas narrativas ou parte delas. Materiais e procedimentos o próprio professor é que escolhe: uso de lápis de cor, de guache, aquarelas, etc. Também se pode trabalhar com colagens, com toda uma turma montando um amplo painel e utilizando diferentes materiais... A proposta de criação tendo como estímulo um poema, uma crônica, uma notícia de jornal, uma ilustração comparece em quase todos os manuais. Trata-se de uma atividade didática que, se eventual e bem encaminhada, pode conduzir a bons resultados.

Pinheiro (2001:90)

Espera-se que o cordel não seja estudado ou apresentado aos discentes, apenas nas semanas do folclore, período em que a cultura popular é lembrada e incentivada a festejos. E sim pelo apelo social, seu valor estético, seu encantamento. Para que isto seja possível temos que estar sempre atualizados com nossas leituras, ler tanto cordéis antigos como novos e de variadas temáticas, o maior conhecimento possível de folhetos.

O papel do pesquisador e do professor de literatura popular precisa sempre estar de olhos abertos e ouvidos atentos para ir colhendo material para seu trabalho. E ao trabalhar com crianças é sempre bom dobrar a atenção:

Se o trabalho for realizado com crianças que ainda não sabem ler, é melhor que o professor sonde, através de uma conversa em sala de aula, quais as manifestações da cultura popular que os seus alunos conhecem. Como são crianças ainda muito pequenas, ele deve fazer perguntas, tais como: ‘você sabem o que é um pastoril? Alguém já leu um cordel para vocês? Vocês já viram um tocador de viola? Já dançaram ou viram alguém dançar coco? Entre outras’. Após essa etapa, o professor pode começar a trabalhar o teatro, contando o enredo da peça para as crianças, lendo aos poucos a própria peça para elas. Como se trata de um texto curto, é possível lê-la toda em sala de aula.

Apud Costa in Lúcio (2005:72-73)

Temos muito do cordel a levar para sala de aula, não podemos nos apegar a condição negativa que os livros didáticos nos oferecem de trabalhar com vários gêneros, muitas vezes até repetidos e não trazer algo tão cultural e real que a literatura de cordel. Porém se continuarmos de braços cruzados, esperando autores do Sudeste, (muitas vezes são desta região os autores dos LD) lembrar da nossa cultura e adotar nos livros para trazermos para os nossos alunos, temos que esperar mais um pouco, até o boom da literatura de cordel, que com certeza vai acontecer.

A Literatura de Cordel é muito preciosa para estar adormecida; é uma cultura acessível a nossa realidade financeira, gostoso de ler e melhor ainda de ouvir, então temos que levá-la a nossa prática escolar. “Vestir a camisa” e tornar essa obra conhecida mundialmente.



## CAPÍTULO III

### 3. O cordel no livro didático

Nossa pesquisa é de natureza bibliográfica e qualitativa já que buscamos observar o cordel dentro do livro didático e sua formação discursiva na produção de sentido em que os sujeitos estão envolvidos.

Segundo Bogdan & Biklen (1999:48), “os investigadores qualitativos se preocupam com o contexto que envolve os sujeitos da ação e para eles divorciar o acto, a palavra ou o contexto é perder de vista o significado”. Assim, percebemos que essa relação dialógica com o objeto de pesquisa (*cordel*), seu contexto de produção e o próprio pesquisador facilitarão nossa compreensão sobre o objeto.

Essa pesquisa encontra-se fundamentada em alguns autores como Ribeiro (1986), Pinheiro (2001), Lajolo (1982), PCNEF (1998), entre outros, que defendem a importância do cordel na prática de ensino e também no livro didático. De acordo com Costa:

A cultura popular, embora faça parte do cotidiano dos alunos que frequentam as nossas escolas, pelo menos aqui no Nordeste, é pouco valorizada por eles, devido a uma tradição que se arrasta há séculos, discriminando-a numa posição inferior em relação à cultura erudita, privilegiada pelas instituições de ensino.

(apud COSTA. In: LÚCIO, 2005:68-69).

A literatura popular com suas rimas cantadas ou recitadas, ao contrário da visão estruturalista da linguagem, conseguiu unificar as pessoas a partir da aproximação entre as experiências, apesar de diversificada. São as plurisignificações que conduzem a literatura ao diálogo com outras manifestações culturais e assim, permitindo ao leitor mais que festejos folclóricos comemorados nos dias marcados pelo calendário.

Toda a concepção equivocada da literatura oral em verso nos remete as imposições que permeiam a educação, o livro didático, pois poucas mudanças foram verificadas pelos pesquisadores Lajolo (1982). Sabemos que a crise na literatura não será resolvida com a inclusão de textos bons, uma vez que à leitura desses textos pode ser diluída pela perspectiva de leitura que a escola, o professor, o livro didático assume.

A concepção estruturalista que permeia as atividades de interpretação textual, vocabulário e gramática nos livros didáticos usa o texto literário como pretexto para aquisição desses conhecimentos lingüísticos. A leitura encerra-se no próprio texto, proporcionando aos leitores uma restrita concepção textual.

Para Coracini (1996) o texto vai além das linhas digitalizadas, pois dependem da formação ideológica, da formação discursiva que permeiam a produção. No entanto, as atividades propostas nos livros didáticos não promovem as reflexões lúdicas, sonoras, musicais e criativas do texto, mas conceitos formais do que seja rima, verso, estrofe, Pinheiro, (2001). Tais conceitos formais não levarão o aluno à construção dos sentidos, ao gosto pela leitura do texto literário.

Segundo Marisa Lajolo (1982:126), não existe nenhuma indicação para a apreciação lúdica da literatura, mas uma análise gramatical dos textos literários. Assim, “a mera inclusão de textos tidos bons e superiores entre os textos escolares não soluciona nenhuma das faces da crise de leitura”. Precisamos refletir sobre a especificidade do poema, pois os autores dos livros didáticos usam bons textos apenas como pretexto para aprendizagem estruturalista da gramática.

Segundo Pinheiro (2001) não existe uma apreciação lúdica do cordel em sala de aula, mas uma análise gramatical dos poemas sugeridos pelos livros didáticos. Essa ocorrência surge com a valorização dos métodos formais e estruturalistas pelas escolas e diluídos nos livros que são tomados como ferramenta para o ensino.

Essa postura traçada para o ensino da literatura permanece latente entre as masmorras das escolas atuais, que insistem em sistematizar o ensino da literatura com o uso do livro didático como única ferramenta cabível para o ensino dessa arte. Quando não reduz aos aspectos estéticos que conduz o aluno as limitadas questões interpretativas. Nesse momento, as relações entre texto/leitor, leitor/mundo são desconsideradas.

Além disso, de acordo com as observações de Lajolo (1982:138), “a tradição do ensino habituou-se tratar os nossos alunos como recipientes vazios e que como professores devemos preencher com informações da mais desconhecida natureza, todas elas periféricas ao fato literário”. Com esses valores educacionais, o cordel passa a ser pretexto ao ensino de ortografia, vocabulário, funções sintáticas entre outros conteúdos que o professor julga importante elucidar.

### Segundo Pinheiro <sup>3</sup>

A presença do cordel nos livros didáticos pode dar a impressão de que esteja havendo uma abertura no espaço escolar para a cultura que nasce do povo, sobretudo com relação às obras canônicas. Se faz necessário olhar com cuidado este tipo de aproveitamento, sobretudo para se observar se o folheto comparece como um bem cultural ou meramente como um texto a mais para realizar atividades pragmáticas. Por outro lado, se a tendência seguida pelos poetas garante a venda e um certo lucro, acentua também um percurso de escolarização que privilegia o pragmatismo, uma vez que os folhetos tenderão a ser lidos meramente como conteúdos escolares em verso. O caminho, portanto, pode tornar-se um descaminho, uma vez que, entre outros problemas, estes folhetos tendem a perder o humor, uma das marcas mais apreciadas desta arte.

Apesar dos avanços tecnológicos, de um mundo globalizado em que a internet facilita a comunicação entre os povos, temos os folhetos que ultrapassam seus limites da produção manual para novas técnicas de produção escrita sem afetar-se como objeto de leitura.

Todas essas mudanças técnicas e progressivas do cordel remetem a um público diferente, já que conseguimos encontrá-los em bancas de revista, nas bibliotecas, restaurantes, nas livrarias, inclusive na internet. Além disso, as academias passaram a eger o folheto como objeto de estudo democratizando, assim, o uso e a compreensão dessa literatura popular.

Nesse sentido, não podemos aceitar as estruturas formais que são impostas pela educação, pelo professor, pelo livro didático, pois são concepções que restringem o fazer poético. Para Cascudo (1979:32) “O estudo desses livros [os de cordel] tornados populares revela a constância de uma dos mais poderosos elementos de fixação psicológica... valores reais da simpatia coletiva no plano literário.” Percebemos a

---

<sup>3</sup> O texto é inédito. Isto é, não foi publicado ainda. *Escolarização da Literatura de Cordel: Caminhos e Descaminhos*.

criação literária concebida pelo povo e para o povo a qual retrata nossa cultura, nossa sabedoria popular.

Dessa forma, percebemos a importância do conhecimento popular, da cultura popular, como fonte memorável do povo brasileiro, já que “a poesia é uma forma de expressão que faz parte da própria essência do ser humano e atende aos apelos profundos da imaginação...” Ribeiro (1987:45). Não podemos ignorar as concepções imbuídas na educação atual para que o tempo promova as mudanças, pois precisamos nos libertar das concepções opressoras do comércio editorial. Neste sentido, em se tratando do trabalho com o texto de cordel, faz-se necessário que o professor busque atender aos seguintes objetivos: Facilitar a leitura e compreensão de textos; por o aluno em contato com a tradição oral; mostrar um outro lado da história não contada nos livros didáticos tradicionais.

### **3.1 Analisando o livro didático**

Na pesquisa que fizemos encontramos a presença do Cordel em três livros didáticos, *Língua Portuguesa – Projeto Presente* (2º ano/1ª série de MARINHO, MORAIS E BRANCO, 2004); *Infância Feliz: Língua Portuguesa* (5º ano/4ª série de NEVES, ALBUQUERQUE E GRILO, 2007) e *De olho no futuro* (5º ano/4ª série de SOUZA E MAZZIO, 2005). As referidas obras são destinadas ao nível fundamental I, logo tem como público-alvo crianças entre seis e dez anos. Esse público vai experimentar o processo de abordagem do Cordel, que, por sua vez, figura como uma obra representativa da história e da cultura do nordeste.

Em nossa análise buscamos os pontos positivos e/ou negativos, concernentes a forma de abordagem do gênero (Literatura de Cordel), como também o modo como os autores exploram a análise lingüística no referido gênero. Vale a pena salientar que o livro pesquisado é o indicado para professores, de vez em quando traremos as sugestões das autoras ao professor.

Para embasarmos ainda mais nossa análise, nos baseamos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. De início o PCNEF (1998) já sugere que no momento em que trabalharmos com a leitura de textos escritos, atentarmos para o conceito que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é preciso proficiência.


PCNEF(1998:69-70).

Isto porque o maior objetivo dos PCNs e de nós pesquisadores é formar leitores competentes, estes sim, são capazes de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender as suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos.

Ao observarmos a abordagem do cordel na obra *De olho no futuro* (Anexo B), podemos perceber um estudo sistemático do gênero, a abertura da unidade é iniciada por uma página com atividades que tratam do gênero (Literatura de Cordel). Na seção **Falando de cordel**, podemos perceber uma contextualização do gênero, inclusive com uma breve abordagem histórica, de forma que o aluno passe a conhecer uma parte da história do Cordel. Tal abordagem ajuda a situar o aluno quanto a alguns aspectos do gênero, conforme pode-se observar no trecho a seguir:



A atividade seguinte mexe com o imaginário infantil que terá que relacionar texto não-verbal com texto verbal, um aspecto verdadeiramente lúdico. A obra em questão inicia-se solicitando que os alunos relacionem as figuras com os possíveis títulos do cordel.



Observe com atenção as xilogravuras e numere os títulos de acordo com as cenas representadas.

<input type="checkbox"/> 5	Nascimento do Brasil	<input type="checkbox"/> 4	Músicos
<input type="checkbox"/> 1	A noiva sertaneja	<input type="checkbox"/> 3	Emigrantes
<input type="checkbox"/> 2	O sol quente no sertão		

**15**

Podemos perceber que há toda uma preparação – reprodução de xilogravuras, acompanhadas de atividades simples, para só então o aluno entrar em contato com a leitura do gênero.

Na seção destinada à leitura foram selecionados dois cordéis: *Leitura 1* “O vendedor de Ovos” de José Francisco Borges; *Leitura 2* “Cordel adolescente, ó xente!” de Sylvia Orthof e *Leitura 3* “O incrível bicho-homem” de Elias José. Cada leitura é acompanhada de atividades de leitura e compreensão do texto, como também questões de análise lingüística. Logo após as leituras dos textos, vemos as subseções **Conversando sobre o texto, Estudando o texto, Além do texto e Comparando os textos.**

No tópico “Leitura I” *O vendedor de ovos*, (cordel que faz parte de um trabalho que o autor fez para crianças - se é que podemos chamá-lo de cordel, pois a estrutura do cordel é de a partir de 8 páginas e este é de apenas 2 páginas)<sup>2</sup> de José Francisco Borges, (Anexo C) o livro traz uma parte da obra e xilogravuras para facilitar o entendimento do aluno. As autoras sugerem ao professor que se houver disponibilidade traga pra sala de aula folhetos de cordel, discos de repentistas e outros subsídios que possam explorar esse tipo de manifestação artística.

Leia o cordel a seguir e descubra o que aconteceu com o vendedor de ovos.

**O vendedor de ovos**

Um homem vendia ovos numa feira da usina numa época de São João uma senhora grã-fina lhe encomendou ovos grandes que não tivessem ruína

Ele carregou a égua com dois pares de caixão e os ovos da mulher colocou no caldeirão e amontou-se na égua levando o mesmo na mão

Ao passar na linha férrea o maquinista lhe avistou montado no meio da carga o maquinista apitou e com o apito da máquina a égua se assustou




16

E na corda do apito o maquinista pendurou-se com o apito estridente a égua mais espantou-se e o caldeirão com os ovos da mulher logo quebrou-se

O homem pulou da carga logo a cangalha virou e as quatro caixas de ovos de serra abaixo embolou a égua vidrou os olhos e no momento endoidou

Correu da estrada afora com o pescoço levantado o homem foi pegar ela caiu dentro dum valado a estrada virou lama fedendo a ova quebrado

Voltou o pobre pra casa com a roupa toda molhada as caixas fedendo a ovos e a cangalha quebrada e a égua findou a vida para sempre espantada.

Fim

José Francisco Borges. O vendedor de ovos, pág. 4, Gráfica Borges, junho/2001.





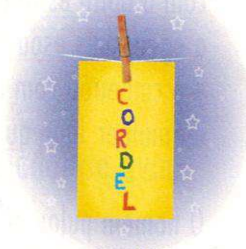
17

Nas questões diretamente relacionadas ao texto “Conversando sobre o texto” e “Estudando o texto”, o aluno terá a oportunidade de compreender melhor o que leu e se aprofundará nas idéias sugeridas pelo texto. Percebemos que os autores solicitam conhecimentos diversos e prévios, como veremos a seguir na p. 18:

## CONVERSANDO SOBRE O TEXTO

Reúnam-se em grupos de três integrantes para ler o cordel. Cada um lê uma estrofe. Ensaíem bem antes de começar a leitura. O professor sorteará alguns grupos para se apresentarem para a turma.

1. Você já havia lido algum texto de literatura de cordel? Em caso afirmativo, conte a seus colegas o assunto da história. *Pessoal.*
2. Você sabe o que costuma acontecer em época de São João?



As questões encontram-se, sobremaneira, óbvias para os discentes. É feita uma pergunta onde a resposta já se encontra logo a seguir na próxima questão.



Esquema do texto

## ESTUDANDO O TEXTO

Corol

1. O texto que você acabou de ler está escrito em versos ou em prosa?

O texto é escrito em versos.

2. Como é nomeado o texto em forma de versos?

É nomeado poema.

3. Cada bloco de linhas do poema tem um nome. Ordene as letras e descubra.

S E F R E T O

estrofe

Agora, responda quantas estrofes o cordel *O vendedor de ovos* possui

dois estrofes

4. Como é chamada cada linha da estrofe? Ordene as letras e anote a resposta.

S O R V E

versos

Sabendo disso, responda: quantos versos possui cada estrofe do texto?

Seis versos

18

5. Que nome recebem os sons que se repetem nas palavras, em geral no final dos versos?

A M I R

Rima

6. Releia a segunda estrofe do cordel.

"Ele carregou a égua com dois pares de caixão e os ovos da mulher colocou no caldeirão e amontou-se na égua levando o mesmo na mão"



Nessa estrofe, encontramos as seguintes rimas:

caixão - caldeirão - mão

2º, 4º e 6º versos

Copie das demais estrofes do texto outras palavras que rimam.

Usamos: frio - fino - ruína - avistou - apitou e assustou - pendeu - sou-be, repenteu - be e quebreu - se - viveu, embaleu e embaileu.

7. O texto *O vendedor de ovos*:

(X) narra acontecimentos do dia-a-dia de modo poético.

( ) enumera características do povo nordestino.

( ) descreve um sentimento.

8. Você acha que o maquinista do trem quis assustar a égua?

Não. Pois ele deve ter apitado pois poderia ter a chance de apitar.

19

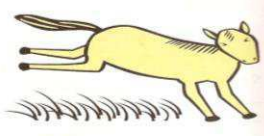
Nestas questões 03, 04 e 05, podemos perceber que o discente conseguirá “ordenar” as letras do quadro, se anteriormente a esta série (já que é a primeira unidade da série atual) o professor tiver estudado sobre a estrutura de um cordel. Talvez o aluno não seja capaz de descobrir sozinho. Isso nos leva a questionar a relevância desse quadro para a resolução das referidas questões. O que destacamos de positivo nesta seção são as ilustrações presentes em todo o conteúdo facilitando o entender do aluno.

Quanto às atividades propostas, podemos detectar uma gradação em relação ao grau de complexidade das perguntas, partindo do mais simples para o mais complexo.

9. Reescreva os trechos do cordel *O vendedor de ovos*, substituindo as palavras em destaque por seus respectivos significados. Para isso, observe os significados apresentados no quadro abaixo.

terminou      embaçou      buraco  
peça de madeira      de som agudo

- a) "com o apito **estridente**"  
com apito de som agudo
- b) "a égua **vidrou** os olhos"  
A égua emborçou os olhos
- c) "caiu dentro dum **valado**"  
caiu dentro dum buraco
- d) "e a **cangalha** quebrada"  
e a peça de madeira quebrada
- e) "e a égua **findou** a vida"  
e a égua terminou a vida



10. Releia uma estrofe do cordel.



"Ao passar na linha férrea o maquinista lhe **avistou** montado no meio da carga o maquinista **apitou** e com o apito da máquina a égua se **assustou**"

As palavras em destaque expressam uma ação que vai acontecer ou que já aconteceu? Justifique sua resposta.

Já aconteceu. Pois os nomes estão no tempo passado.



Nesse sentido, observamos que o livro didático, impõe conteúdos sem nenhum respeito às culturas regionais, as especificidades dessa arte popular. Segundo Gustavo Dourado (Anexo A), “a dificuldade na implantação da literatura de cordel ocorre pela imposição do mercado editorial e da indústria cultural com seus livros didáticos caóticos, alienados e ultrapassados. Acabaram com os suplementos literários e os cadernos de cultura.”

Por isso, percebemos na prática escolar uma grande resistência ao cordel, que nos induz a reflexão da nossa própria prática pedagógica ao campo da investigação e para uma situação contextual na qual os sujeitos envolvidos (escola, professor, aluno, sociedade) possam desfrutar desse conhecimento imensurável.

No tópico “Leitura II”, Cordel adolescente, ó xente!” de Sylvia Orthof, (Anexo D) as autoras recomendam que o professor, antes de iniciar a leitura do cordel, pergunte aos alunos se já freqüentaram ou se conhecem alguém que já tenha ido a uma feira onde são vendidos cordéis. Até mesmo porque a obra lida trata-se de uma mocinha que vende seus próprios cordéis numa feira, estes são expostos da forma de antigamente, esta forma que deu origem ao nome Cordel (cordel – pendurados em cordas ou barbantes), inclusive há várias xilogravuras ao lado do texto, ilustrando a situação.

 **LEITURA 2**

*Professora, antes de iniciar a leitura deste texto, pergunte aos alunos se já freqüentaram ou se conhecem alguém que já tenha ido a uma feira onde são vendidos cordéis. Peça que contem para a turma como foi essa experiência.*

*Leia agora um cordel que trata do assunto cordel. Interessante, não é mesmo?*

**Cordel adolescente, ó xente!**

Sou mocinha nordestina, meu nome é Doralice, tenho treze anos de idade, conto e conto o que disse, pois me chamo Doralice, sou quem vende meu cordel nas feiras lindas do longe onde a poesia se esconde nas sombras do meu chapéu!

Eu falo tudo rimado no adoçado da palavra do Nordeste feiteceiro; no meu jeito brasileiro, aqui vim dizer e digo que escrevo muito livro que penduro num cordel, todo fato acontecido eu coloco no papel!



21

Vim pra feira, noutra dia, armei a minha poesia num cordel de horizonte. Quem passasse no defronte daquilo que eu vendia, parava e me escutava, pois sou mocinha falante, declamava o que escrevia!

Contei de uma garota que amava um cangaceiro, era um tal cabra da peste, um valentão do Nordeste que montava a ventania, trazia susto e coragem por cada canto que ia! Virge Maria!

O nome da tal mocinha? Não digo... é um segredo, escrevo o que não devo, invento, pois tenho medo de contar que a tal menina era... toda fantasia!

(...)



*Sylvia Orthof. Cordel adolescente, ó xente!, págs. 4, 6, 8, 10 e 11. Copyright: by herdeiros de Sylvia Orthof, São Paulo, Quimeto Editorial, 1996.*

22

O título do cordel apresentado anteriormente é muito interessante para as crianças, pois já traz uma etapa posterior a idade na série em questão.

As autoras apresentam aos discentes a autora do cordel, Sylvia Orthof e logo em seguida mais uma subseção, **Estudando o texto...**(p23)

A carioca Sylvia Orthof (1932-1997), de descendência austríaca, trabalhou na área de dramaturgia como autora de textos, diretora de espetáculos teatrais, pesquisadora e professora de teatro.

Em 1979, foi convidada a escrever histórias infantis para a Revista *Recreio*. Ela produziu várias obras de literatura infanto-juvenil com um traço marcante de humor. Algumas de suas obras:

- *Duas histórias de perna fina* (Editora FTD)
- *A poesia é uma pulga* (Editora Atual)

**ESTUDANDO O TEXTO**

- O nome **cordel** deve-se ao fato de, antigamente, na Espanha e em Portugal, onde surgiram, esses folhetos serem pendurados em cordas ou barbantes, como se fossem roupas em um varal. Sabendo disso, copie da 3ª estrofe os dois versos que comprovem essa informação.  
*Aman o mundo gostoso.*
- Os folhetos de cordel costumam ser vendidos em feiras e mercados. Na 1ª estrofe, há dois versos que tratam desse assunto. Copie-os.  
*Seu queim, vende meu cordel  
nas pulgas, bndes de hoje.*
- Em que região do país se passam as histórias de cordel que Doralice conta? Explique como foi possível saber.  
*Na história pelas granadas.*
- O que era a ventania do cangaceiro?  
*Pois ele não queria solente.*

5. No título do texto aparece a expressão "ó xente!"? Você saberia explicar o que ela significa?  
*momento de estante.*

6. Releia o trecho do texto.

"todo fato acontecido eu coloco no papel!"

Observando esses versos, é possível dizer que Doralice baseia-se em fatos que já ocorreram para escrever seus cordéis. Com base nessa informação, você acha que é possível criar um cordel a partir de uma notícia de jornal? Justifique sua resposta.  
*Sim. Pois as histórias são verdadeiras.*

**ALÉM DO TEXTO**

Nos poemas de cordel, há a presença de versos que rimam. Que tal começar a rimar? Em seu caderno, crie estrofes de dois versos, usando os pares de palavras abaixo. Veja o exemplo.

AMOR - FLOR

Para mim seu amor  
Desabrocha como flor.

AMIZADE - FELICIDADE

SOL - GIRASSOL

24

A proposta de exercício não deixa que o aluno reflita sobre o texto, nem experimente momentos de fantasia, pois a questão já conduz o aluno a resposta no próprio texto. Mostra inclusive onde está a resposta, fazendo com que o aluno apenas transcreva a estrofe. Este exercício de compreensão pouco levaria o aluno a refletir sobre o texto e não deixa ampliação ou construção de sentido, o que sugere a noção de que compreender é apenas identificar conteúdos.

Na subseção **Além do texto**, (mostrada anteriormente) o intuito é dar a oportunidade do aluno ampliar suas idéias do texto, expondo sua opinião sobre o assunto, argumentando, desenhando, criando, etc. já é uma preparação para que os alunos comecem a entender a estrutura do cordel.

A seção "ampliando o vocabulário" irá ajudar o aluno a conhecer novas palavras e aprender a empregar o termo certo na hora certa. Infelizmente apresenta-se desconexo do contexto que está inserido, o trabalho com o gênero Cordel. Mais uma vez podemos perceber o gênero sendo utilizado com o pretexto para abordagens não relacionadas necessariamente com o gênero. O cordel tem muito mais para mostrar, não ser usado apenas para ampliar o vocabulário. Vejamos então que o Livro didático nos mostra:

## AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

### Português do Brasil e de Portugal

Você sabia que, além do Brasil, em outros países também se fala português? São eles: Portugal, Timor Leste, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde, e nas cidades de Macau (na China) e Goa (na Índia).

É claro que há particularidades. Em Portugal, por exemplo, algumas palavras são diferentes das que utilizamos no Brasil.

Releia alguns versos da primeira estrofe do texto.

“Sou **mocinha** nordestina,  
meu nome é Doralice,  
tenho treze anos de idade,  
(...)”



Veja qual é a palavra equivalente a **mocinha** em Portugal:

miúda

1. Agora, é a sua vez. Reescreva as frases, substituindo os termos em destaque pelos termos correspondentes em Portugal. Para isso, observe o quadro abaixo.

verniz para unhas	fala barato	pequeno almoço
-------------------	-------------	----------------

a) Guilherme é tão **tagarela** que deixa todo mundo com dor de cabeça.

*Guilherme fala muito que deixa todo mundo com dor de cabeça.*

b) Juliana comprou um **esmalte** cheio de purpura.

*Juliana comprou um verniz para unhas cheio de purpura.*

c) Meu amigo Caio gosta de frutas no **café da manhã**.

*Meu amigo Caio gosta de frutas no pequeno almoço.*

25

2. Ligue cada figura a seu respectivo termo usado em Portugal.



chupa-flor    barbatana    mota    apara-lápis

3. No texto abaixo foram empregadas algumas palavras que fazem parte do vocabulário português. Reescreva o texto substituindo os termos usados em Portugal pelas palavras equivalentes do vocabulário brasileiro apresentado neste quadro. Se necessário, altere outras palavras.

ônibus	sorvetes	confusão	cara
guarda-chuva	méias	telefonema	

### A apitadela

Hoje dei uma **apitadela** para meu amigo Manuel que mora em Lisboa. Ele me contou que lá estava chovendo muito, mas que tinha ido de **autocarro** até o mercado comprar **gelados**. Falou também que, como estava sem **chapéu-de-chuva**, se molhou todo, desde a cabeça até as pernas. Esse **gallo** só se mete em **sarilho**!

*Hoje dei um telefonema para meu amigo Manuel que mora em Lisboa. Ele me contou que lá estava chovendo muito, mas que tinha ido de ônibus até o mercado comprar sorvetes. Falou também que, como estava sem guarda-chuva, se molhou todo, desde a cabeça até as pernas. Esse cara não se mete em confusão!*

26

Quanto à produção textual que é o tópico que segue podemos destacar que o livro didático não segue a proposta do PCN, já que “Ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer.” PCN (1998:75), isto implica em leituras prévias, pesquisa sobre o gênero escolhido e começar a produção que implica toda uma metodologia. Pois nossa finalidade é ter o texto, a produção como processo. Ainda sobre a produção do texto, também seguimos a orientação de Dolz, Noverraz e Schneuwly, que se referem a produzir textos escritos, como:

Um processo complexo, com vários níveis, que funcionam, simultaneamente, na mente de um indivíduo. Em cada um desses níveis, o aluno depara com problemas específicos de cada gênero e deve, ao final, tornar-se capaz de resolvê-los simultaneamente.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004:104)

No tópico “Produção Escrita”, a nosso ver a parte mais importante da unidade, pois é na produção que estará inserida o conhecimento adquirido do aluno durante todo o aprendizado do conteúdo, e no livro didático pesquisado, encontramos na página que segue o seguinte comando para que o discente produza um cordel (p. 27):



**PRODUÇÃO ESCRITA**  
Criando um cordel<sup>1</sup>

No texto *Cordel adolescente, ô xente!*, Doracile começa os versos contando sua vida de poeta de cordel. Que tal fazer como a mocinha nordestina e produzir um cordel sobre você?

Para ajudá-lo(a) nessa atividade, são apresentadas algumas dicas importantes. \*Professores: atente-se ao fazer o trabalho com este texto, oriente os alunos sobre algumas questões presentes no processo de produção textual. Para isso, veja orientações e resumo do assunto no Manual do Professor, no tópico Comentários e Sugestões, página 27.

**DE OLHO NAS DICAS**

- Liste algumas coisas a seu respeito, como sua idade e as coisas de que gosta. Se desejar, inclua nessa lista suas qualidades e, por que não, seus defeitos também.)
- Veja só como ficou a lista deste menino que mora no Rio de Janeiro:

nome: *Luis Fernando*  
idade: *11 anos*  
do que eu gosto: *surfar e jogar bola*  
do que eu não gosto: *de acordar tarde*  
qualidade: *estudioso*  
defeito: *impaciente*

Discuta com os alunos sobre a importância do rascunho na produção textual. Para isso, ver como abordar o assunto no Manual do Professor, no tópico Comentários e Sugestões, página 27.

- Faça um rascunho de suas idéias e de seu texto.
- Se desejar, escreva todas as estrofes com o mesmo número de versos.
- Capriche nas rimas para deixar seu texto gracioso e proporcionar uma leitura cadenciada, melodiosa. Observe as rimas que surgiram a partir das palavras que o garoto listou.

*Luis Fernando - felizando  
surf - mar  
escola - bola*

*impaciente - inteligente  
estudioso - amoroso  
anos - brincando*

27

• Veja como ficou o cordel de Luis Fernando.

*Cordel de surfista*

*Sou caraca do Rio de Janeiro  
Muito prazer, sou Luis Fernando  
Tôz entom 11 anos de idade  
Uô, tôz estavom preparando  
Chegaram os amigos da escola  
E passaram o dia felizando*

*Tôz ainda o amigo da praia  
Cêz também gostom de surfar  
Bêz marêz pego a minha prancha  
E tôz sempre manobrar no mar  
E logo a turma de futebol  
Chega na praia para jogar.*

*Depôs o abrixe sou estudor  
O meu estudo é essencial  
Gosto muito de ir para a escola  
Por o professor é bom legal  
Cêz ensina muitas coisas boas  
Para eu ser um bom profissional.*

- Depois de escrever as rimas, é só produzir o seu cordel.
- Crie um título bem interessante para ele.
- Se quiser, você também pode ilustrar o seu texto.

Depois que você e seus colegas tiverem finalizado os textos combinem com o professor e montem um varal para pendurar o cordéis na sala de aula. Dessa forma, vocês terão a oportunidade de conhecer todos os trabalhos produzidos e, é claro, saber um pouco mais sobre seus colegas de sala.

**PARA REFLETIR**

- Você conseguiu transmitir no cordel um pouquinho do que você é?
- A estrutura do cordel foi respeitada, ou seja, está organizado em versos e estrofes?
- O título que você deu ao texto é adequado?

28

Ao lançarmos um olhar crítico sobre a referida proposta, podemos detectar que não há, ao longo da unidade, elementos suficientes para o aluno produzir, com proficiência, um Cordel. Além disso, não encontramos nenhuma menção a uma posterior reescrita do texto produzido pelo aluno; concluímos que a atividade foge da proposta do PCNEF (citada anteriormente), pois há uma única escrita, ou seja, não há uma correção, reescrita.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) inspirados nas abordagens da psicologia da linguagem, distinguem quatro níveis principais na produção de textos. São eles:

Da situação de comunicação – o aluno deve aprender a fazer uma imagem, a mais exata possível, do destinatário do texto, da finalidade visada, de sua própria posição como autor ou locutor e do gênero visado. Elaboração dos conteúdos – o aluno deve conhecer as técnicas para buscar, elaborar ou criar conteúdos. Planejamento do texto – o aluno deve estruturar seu texto de acordo com um plano que depende da finalidade que se deseja atingir ou do destinatário visado. Realização do texto – o aluno deve utilizar um vocabulário apropriado a uma dada situação.”

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004:104)

O texto já não é mais visto como um produto acabado e sim como um processo de escrita. No livro didático pesquisado, a produção de textos é construída ao longo dos estudos desenvolvidos na unidade, pois se atrela às condições de produção do gênero

enfocado, ao estudo da construção e da linguagem dos textos, à reflexão lingüística desenvolvida, aos textos verbais e não-verbais e as questões propostas.

Observamos que estas questões não se adequam as orientações do PCNEF (1998) que defendem que produzir um texto, significa planejá-lo em função: dos objetivos colocados, do leitor, das especificidades do gênero e do suporte, além de atender para grafar o texto articulando conhecimentos lingüísticos diferenciados (gramaticais, da comunicação, de pontuação, paragrafação); revisão do texto. Obviamente o professor deve acompanhar as tarefas realizadas pelo produtor de textos, incentivando também para que o mesmo aconteça.

**PRODUÇÃO ORAL** 

**Declamando o cordel**

Chegou a hora de declamar o cordel que você acabou de produzir. Afinal de contas, você se empenhou para elaborar o texto e não quer que ele fique escondido, não é mesmo? Então, para que você se prepare e declame com mais segurança, fique atento às dicas a seguir.

**DE OLHO NAS DICAS**

- Seu professor vai agendar uma data para cada um declamar o cordel.
- Valorize o trabalho de seus colegas assim como você gostaria que eles valorizassem o seu. Faça silêncio e prestigie-os com sua atenção.
- Declame com entusiasmo utilizando gestos apropriados ao texto que está apresentando.
- Fique atento ao volume de sua voz e à entonação. Empregue um tom de voz que possa ser ouvido com clareza.
- Ensaie a leitura do texto antes. Assim, você ficará mais seguro e lutará contra aquele "friozinho" na barriga que costuma dar na hora das apresentações em público.
- Decore bem o cordel para ter maior facilidade de comunicação com a "platéia".
- Por último, é só ficar atento à postura, declamar o cordel com expressividade e esperar os aplausos dos colegas.

As perguntas a seguir ajudarão você a refletir sobre seu desempenho nessa atividade.

**PARA REFLETIR** Ver comentário sobre avaliação das atividades orais no Manual do Professor, na parte intitulada Comentários e Sugestões, página 27.

- Você teve alguma dificuldade para declamar o cordel? Qual?
- A turma ficou em silêncio e prestigiou a apresentação de todos os colegas?
- O tom de voz, a postura e os gestos de cada um estavam apropriados ao conteúdo do texto?

29

Na seção "Produção Oral" que é destinada ao trabalho oral do texto, o aluno declamará o cordel por ele produzido. O livro traz algumas dicas para que o aluno se prepare para declamar o cordel. Toda essa exigência é feita num espaço de tempo muito curto, visto que o livro didático pesquisado se divide em nove unidades, diante disto podemos afirmar um intervalo muito pequeno entre as atividades.

No tópico "Leitura III" *O incrível bicho-homem*, de Elias José, as autoras sugerem ao professor, que antes de os alunos lerem o texto, pergunte se eles conhecem comportamentos e palavras que, diferentemente da região onde moram, são utilizados em outras regiões do país. Já que o texto irá tratar de regionalismo.

O que mais nos comove é que apesar deste texto ser literário, ele não é um cordel e está inserido numa unidade destinada a literatura de cordel. “O incrível bicho-homem” é um livro de poesias com 56 páginas, lançado no ano de 1998, que retrata a evolução do comportamento humano, e a pluralidade cultural ética. O que consta no livro didático é apenas uma parte deste livro, para introduzir um assunto sobre a diferença no modo de falar, sobre regionalismo.

**LEITURA 3**

*O Brasil é um país inventivo, o que possibilita uma grande diversidade de hábitos e costumes. As pessoas têm, portanto, diferentes modos de pensar, de falar e de levar a vida. O texto a seguir mostra um pouco dessa diferença no modo de falar dos brasileiros.*

### O incrível bicho-homem

O que é o homem? Que pergunta mais fácil!...  
Que pergunta mais difícil, meu filho!  
Um mineiro diria: homem é homem, uai!  
O gaúcho diria: homem é homem, tchê!  
Um nordestino diria: homem é homem, bichim!  
No livro, você lê: o homem é um animal racional.  
Há histórias de homens e de lobisomens.  
Haverá lobisomem: meio lobo e meio homem?  
Acho que não há. Ou há? Sei lá. Não convém abusar!  
Sei que há bicho com nome de homem: João-de-barro.  
Sei que há famílias com nomes de bichos: a família Coelho, Leão ou Pinto.  
Sei que há homens com bichos nos apelidos: chamavam um tio meu de João Burrinho, conheci uma Ana Tartaruga e na nossa rua mora um Pedro Ratoão.  
Só que o homem é animal, mas é um animal muito, muito diferente.  
(...)

**BICHIM**  
**TCHÊ**  
**UAI**  
**AUUUU**

Elias José. O incrível bicho-homem. São Paulo, FTD, 1998.

30

13/02/16

Palavras: Suggestões de palavras: guarda-roupa, couve-flor, pé-de-moleque, guarda-sol, porco-espinho, graxão, aguardente, macaco-prego etc.

### CONVERSANDO SOBRE O TEXTO

- No texto, as palavras **Coelho**, **Leão** e **Pinto** são sobrenomes ou apelidos de pessoas? *Sim, são sobrenomes de pessoas.*
- A palavra **lobisomem** é composta pela junção de dois substantivos: **lobo** e **homem**. Com a ajuda dos colegas, faça uma lista de palavras compostas a partir de outras palavras.
- Em sua opinião, por que o homem é “um animal muito, muito diferente”?

**ALÉM DO TEXTO**

Muitas vezes, são utilizados nomes de animais para se referir a determinadas qualidades de certas pessoas. Quando alguém está muito bravo, por exemplo, dizemos que essa pessoa está uma **onça**. Se é muito esperta, falamos que parece uma **raposa** e por aí vai. Sabendo disso, relacione os nomes dos animais a seguir com características que podem ser atribuídas às pessoas.

( 1 ) formiga	( 2 ) pessoa falsa, traiçoeira, perigosa
( 2 ) cobra	( 3 ) indivíduo que se deixa enganar com facilidade
( 3 ) pato	( 4 ) alguém que fala demais
( 4 ) papagaio	( 1 ) pessoa que adora doces

### COMPARANDO OS TEXTOS

Compare as semelhanças e as diferenças entre os textos desta unidade, conforme a legenda abaixo.

A O vendedor de ovos      B Cordel adolescente, ó xente!  
C O incrível bicho-homem  
D O vendedor de ovos e Cordel adolescente, ó xente!

Não é organizado em versos e estrofes.  
 Narra fatos de modo poético.  
 Narra a história de uma mocinha nordestina.  
 Apresenta um fato ocorrido com um homem que faria uma entrega.

31

### REFLETINDO SOBRE A LÍNGUA

Regionalismo: os diferentes falares

Leia um trecho do texto *O incrível bicho-homem*.

“Um mineiro diria: homem é homem, uai!  
Um gaúcho diria: homem é homem, tchê!  
Um nordestino diria: homem é homem, bichim!”

As palavras **uai**, **tchê** e **bichim** foram usadas para reforçar uma idéia: a de que “homem é homem”. E você, que palavra ou expressão usaria? Escreva-a e compare-a com a dos colegas.

Homem é homem, uai.

Você já conhecia alguma(s) dessas palavras destacadas? Qual(is)?

tchê e bichim.

Na língua portuguesa falada no Brasil, existem diversas palavras para nomear uma mesma coisa. Cada região do nosso país tem um vocabulário próprio para se referir a alguns objetos, animais, frutas etc.

1. Você já viu uma banana unida à outra? Como você costuma chamar essa banana?

gêmeas.



Observe os nomes dados a essa banana, de acordo com a região do país.

banana dupla	Rio Grande do Sul
filipe	Bahia
banana grudada	Paraná - Bahia
gêmeas	palavra mais empregada em todas as regiões do país

Você conhecia alguma(s) dessas formas de se referir a esse tipo de banana? Qual(is)?

São gêmeas.

- Circule, em cada grupo, a palavra que você costuma empregar quando quer se referir ao que ela representa.
 

a) grampo - ramona	d) abóbora - jerimum
b) pingado - café com leite	e) confeito - bala
c) garoa - chuva miúda	
- Relacione as palavras da coluna da esquerda ao grupo ao qual ela pertence. Se necessário, solicite a ajuda dos colegas e do professor.



4. Complete as frases com a palavra que costuma ser empregada na região onde você mora.

a) Pedi a minha mãe que fizesse macaxeira no almoço de domingo, pois estava com vontade de comer essa delícia. (mandioca - macaxeira - alpin)

b) Na fazenda, há um riacho maravilhoso, onde a gente costuma se banhar no verão. (riacho - ribeiro - arroio - regato - córrego)

c) Mário comprou um terreno para construir uma casa para sua família. (lote - chão - terreno)



O que podemos deduzir deste conteúdo, é que o texto adotado é apenas um complemento para a unidade, intrigante, pois centenas de cordéis existem para completar esta unidade. Os exercícios inseridos nas seções e subseções apresentadas continuam sendo óbvios ao entendimento do discente, observamos mais uma vez o texto como pretexto para o estudo da língua e vocabulário.

Na seção **Refletindo sobre a língua**, se fosse bem abordada, o aluno teria a oportunidade de refletir sobre a língua e construir muitos conhecimentos a serem empregados em seu dia-a-dia. Teria ainda a oportunidade de conhecer melhor a língua com a qual se comunica e se expressa.

Mais uma vez detectamos atividades que não dão à oportunidade do aluno raciocinar, dar sua própria opinião, o direito da fala expressa no papel não é dado. Continua a decodificação a cópia do texto, diretamente no exercício proposto, pouco sendo acrescentado ao conhecimento do aluno.

O que nos chama muita a atenção nesta seção, **O universo do texto**, é a chance que o aluno terá de se aprofundar mais no tema proposto, trazendo uma breve bibliografia dos autores dos textos. Ponto positivo e inclusive incentivo para que os alunos possam pesquisar e procurar mais textos deste autor.

**O UNIVERSO DO TEXTO**

Saiba um pouco mais sobre José Borges, o autor das xilogravuras que você viu na abertura desta unidade:

J. Borges nasceu no município de Bezerros, Pernambuco, em 1935. Graças a seu talento, participou de exposições de arte na França e na Suíça. E não parou por aí. Ele continua criando e viajando pelo mundo.

Você já se perguntou qual o significado da palavra **xilogravura**? **Xilo** significa madeira. **Gravura** significa arte de gravar; ilustração. Portanto, xilogravura significa desenho gravado na madeira. Depois de talhada, a madeira é mergulhada na tinta. Em seguida, é só pressioná-la contra o papel e pronto: as partes em alto-relevo é que estampam as figuras.

Se você quiser conhecer o restante da história da **Leitura 2**, vale a pena conferir o livro:

**Cordel adolescente, ó xente!**, de Sylvia Orthof (Quinteto Editorial).

34

A proposta do livro, que oferece ao aluno a oportunidade de conhecer alguns cordéis, produzir um cordel sobre a sua própria história e declamá-la diante dos colegas na sala de aula, é muito interessante, mas as informações que o livro oferece, se o professor não tiver conhecimento o suficiente, não esteja preparado para tal gênero, e por iniciativa própria, preparar uma boa aula, os elementos que o livro menciona é insuficiente para que este trabalho seja realizado com eficiência, principalmente para a série apresentada. Pois a idade não favorece no conhecimento prévio de mundo, se o aluno não tiver alguém por perto que trabalhe ou goste deste gênero, vai ser difícil dele surpreender na hora da produção.

Portanto, podemos perceber que a presença do Cordel, um gênero textual recorrente na cultura nordestina, em livros didáticos, constitui um avanço relevante no trabalho na perspectiva dos gêneros textuais. Entretanto, a simples presença do gênero não garante a eficácia do trabalho nessa perspectiva. É preciso trabalhar mais com este gênero, para que os alunos despertem o prazer pela leitura, o encantamento pelos versos, temáticas, xilogravuras e se revelem como leitores proficientes.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cordel pode apresentar para o método educativo, estímulo à leitura, devido ao seu estilo de ludicidade, o que pode ser um despertar para a criatividade do educando. Deste modo, a prática da leitura de cordel liga modos de ensinar e formas de aprender que, no processo de ensino e aprendizagem, adquire efeitos de sentidos significativos para adquirir conhecimentos, sendo assim, a experiência de ser educado pelo cordel é significativa na educação básica, sobretudo para o estímulo de produzir textos, a partir de temáticas que são abordadas em seu conteúdo.

Fala-se muito em educação inclusiva, que insira os diferentes saberes, as diversidades culturais e as identidades, mesmo diante de um mundo cuja realidade prima por uma exclusão social cada vez mais forte. Desse modo, o referido gênero configura-se como um rico material a ser trabalhado em sala de aula, não podendo ser desprezado pelos livros didáticos.

Entretanto, como pudemos observar a presença do gênero cordel no livro didático *De olho no futuro*, embora seja um avanço no trabalho na perspectiva dos gêneros textuais, precisa ser melhor trabalhado pelos autores destes livros.

Fica evidente em nossa análise que boa parte das questões de leitura, compreensão e estrutura do gênero encontra-se num nível superficial, detidas, sobretudo em questões referente à estrutura do cordel. Além do gênero ser usado como pretexto para o uso da gramática.

Portanto, nosso trabalho insiste em mencionar a importância do trabalho com o gênero cordel na sala de aula. Entretanto, não podemos deixar de citar a necessidade de uma avaliação das propostas de leitura apresentadas nos livros didáticos, um dos suportes mais utilizados pelo professor e pelo aluno em sala de aula. O ensinar e o aprender ganham contornos através dos folhetos, visto que as experiências humanas, culturais e sociais conseguem neles relevância. Ao empreender essa ação educativa, os folhetos possibilitam a proximidade de uma prática pedagógica elevada em conhecimentos que permitem ao educando compreender o mundo social e suas mudanças.

## **REFERÊNCIAS**

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_, Márcia. *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos*. Um estudo histórico-comparativo. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 1993. (Tese de Doutorado em Teoria Literária).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. 2ª edição. Editora Universitária/UFPB.

\_\_\_\_\_, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. 6a. ed.

\_\_\_\_\_, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *O Jogo Discursivo na Aula de Leitura: Língua Materna e Língua Estrangeira*. 2ª edição, Campinas SP: Pontes, 2002.

COSTA, Kelly Sheila Inocência, *O boi e o burro a caminho de Belém... E da sala de aula*. In: LÚCIO, Ana Cristina Marinho (org.). *Teatro infantil e cultura popular*. Campina Grande: Bagagem, 2005. p 45-80.

CURRAN, Mark J. *A Literatura de Cordel*. Universidade Federal de Pernambuco; Recife: editora universitária, 1973.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glais (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

LUYTEN, Joseph. *O que é literatura Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Usos e abusos da literatura na escola*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ORTIZ, Renato. *A consciência Fragmentada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PINHEIRO, Hélder e Lúcio, Ana Cristina Marinho. *O Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

\_\_\_\_\_, Hélder. *Poesia na sala de aula*. João Pessoa: Idéia, 1995.

\_\_\_\_\_, Hélder; PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA Maria Valdênia, e NETO, Miguel Leocádio Araújo (Orgs.). *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008.

\_\_\_\_\_, Hélder. *Escolarização da Literatura de Cordel: Caminhos e Descaminhos*. **Artigo a ser publicado**.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. 2.ed. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977. (1.ed.: Imago,1976).

REINALDO, Maria Augusta G. de M. A Orientação para Produção de Texto. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva. (orgs). *O Livro Didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p 89-101.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1987.

ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977. (1a. edição Tip. Laemert, 1888).

SOBRINHO, José Alves. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrópolis: Vozes,1976.

[http://www.gustavodourado.com.br/Entrevista%20de%20Gustavo%20Dourado\(DF\)a%20Milene%20Dias%20Alves\(SP\).htm](http://www.gustavodourado.com.br/Entrevista%20de%20Gustavo%20Dourado(DF)a%20Milene%20Dias%20Alves(SP).htm) acesso no dia 03-07-2009 às 16:10

### **Livros Didáticos Pesquisados**

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto e MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. *Tudo é Linguagem: Língua Portuguesa: 5ª à 8ª série (7º ano)*. 1ª ed. – São Paulo: Ática, 2006.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens, 5ª à 8ª séries*. 3ª ed. – São Paulo: Atual, 2006.

MARINHO, Luzia Fosneca; MORAES, Elody Nunes e BRANCO, Graça. *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. 2º ano (1ª série) 2ª ed. – São Paulo: Moderna, 2004. – (Projeto Presente!).

NEVES, Albanize Aparecida Aredes; ALBUQUERQUE, Duda e GRILO, Miriam dos Santos. *Infância Feliz: Língua Portuguesa: 5º ano (4ª série)*. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos e HORTA, Maria Regina Figueiredo. *Ler, entender, criar: Língua Portuguesa, 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries*. São Paulo, 2002.

SOUZA, Cássia Garcia de e MAZZIO, Lúcia Perez. *De olho no futuro: português: 4<sup>a</sup> série (5<sup>o</sup> ano)* Nova edição – São Paulo: Quinteto Editorial, 2005.

